

Título: A Relação Entre a Depressão e o Sentido de Imortalidade Simbólica

RESUMO

Ao longo do acompanhamento clínico de diversos sujeitos, muitos manifestaram o receio de serem esquecidos pelas pessoas que lhe são mais próximas uma vez que, por diversas razões, não se sentiam suficientemente bons para serem amados, para serem lembrados (em vida e postumamente).

Este artigo resulta como sumário de uma investigação que procuru, em primeiro lugar, a relação entre a 'Depressão' e o 'Sentido de Imortalidade Simbólica' (conceito de Lifton e Olson (1974)) em estudantes do ensino superior através do 'Inventário de Depressão de Beck II (IDB-II)' (Beck, 1996) e da 'Escala do Sentido de Imortalidade Simbólica (ESIS)' (Matheus & Mister, 1887-88).

Foram obtidos dados que sugerem uma correlação entre a IDB-II e a ESIS e, também, entre algumas das variáveis independentes formuladas para a ESIS.

Palavras-Chave: depressão, imortalidade simbólica, relações de objecto.

Title: The Relation Between Depression and the Sense of Symbolic Immortality

ABSTRACT

Throughout the clinical work with different subjects, many expressed the fear of being forgotten by their dearest, for several reasons as not felt good enough to be loved, to be reminded (in life and posthumously).

This paper results as a sum of an investigation which intended, in first place, to study the relationship between 'Depression' and the Sense of Symbolic Immortality' in college students by using the 'Beck Depression Inventory-II (BDI-II)' (Beck, 1996) and the 'Sense of Symbolic Immortality Scale (SSIS)' (Matheus & Mister, 1887-88). We obtained data that suggests a correlation between the BDI-II and the SSIS and, also, that some of the independent variables have an influence in the SSIS.

Key-words: depression, symbolic immortality, object relations.

Introdução

Considero a memória um dos pilares da humanidade no sentido em que é um elemento de continuidade da espécie, através daquilo que são as suas formas - lembranças, textos, imagens, sons, etc. - constitui a história, o testemunho da existência. Um dos acontecimentos que marcou o decorrer do tempo foi a bomba atómica de Hiroshima. A destruição causada por esta arma é de tal modo vasta que destrói uma área considerável de quilómetros, de tal forma que nem as estruturas de pedra resistem, nada resiste – não só o Homem é ameaçado enquanto um ser vivo, mas também a memória da sua existência está em risco.

Qual a inscrição mental de uma existência vivida em pleno e, conseqüentemente, de um sentido de vida? O presente trabalho não procura dar respostas concretas às questões acima expostas, mas sim abrir um espaço de pensamento sobre o tema ao analisar se o facto de um sujeito sentir-se amado contribui para um sentimento existência gratificante. Assim, especificamente, pretendeu-se verificar se existe relação entre a incapacidade do viver o amor objectal e as diferentes formas como o ser humano se tenta perpetuar através da imortalidade simbólica – uma integração num continuum de memórias e de história.

Este artigo resulta da adaptação de um trabalho de investigação empírica realizado por mim aquando a formação académica, cujos pontos que considero essenciais são aqui sumariados.

Depressão

“Sob a denominação depressão designa-se habitualmente tanto o quadro clínico caracterizado pela presença de elementos diversos: tristeza, inibição psicomotora, auto-acusação, visão pessimista da vida, etc., como o estado afectivo da tristeza. Neste último sentido costuma-se dizer que alguém está deprimido quando se encontra triste, mesmo quando faltem todos os outros elementos mencionados.” (Bleichmar, 1989, p.13). Coimbra de Matos (1985) refere que a tristeza e a ansiedade constituem dois dos principais afectos de desconforto psicológico, e traduzem uma perturbação na relação objectal. O autor acrescenta que a culpa é marcante na depressão. – “Não há depressão sem culpa (...)” (Coimbra de Matos, 1985, p. 33). Freud (1926 [1925]) consigna que o carácter peculiar da depressão é a imensa carga de ansiedade que resulta do investimento libidinal no objecto relacional que se sente perder. Embora as referências aos autores acima mencionados nos mostrem que a depressão é caracterizada por alguns sintomas, a relação entre eles não é de todo linear. Partamos da seguinte questão: “Que carácter geral devem ter essas ideias (relativas à depressão) para poderem apresentar-se sob formas tão dissemelhantes (...)?” (Bleichmar, op. cit.,

p.16). Freud (1917 [1915]) definiu, a depressão como a reacção à perda de um objecto no qual o sujeito investiu libidinalmente. Pela constituição do objecto libidinal o sujeito tenderá para a representação mnésica do prazer obtido pela interacção com o objecto - o seu desejo não é apenas pelo objecto concreto, mas sim pelo amor do objecto. Ele deseja ser desejado pelo outro e construir uma ligação emocional e de proximidade entre os dois. Lacan (1989), baseando-se nas suas observações clínicas, refere que para o sujeito ser o objecto do desejo do outro deseja o que o outro deseja, que é, em última instância, o objecto de desejo para o sujeito. Deseja-se ser objecto de desejo do outro, ou seja, ser desejado por esse outro, constituindo a causa de que se tome o desejo do outro pelo nosso. Desta forma, deseja-se obter reconhecimento, amor e aprovação do outro – o objecto de desejo. Desta forma, quando o outro é interiorizado e os desejos dele convertem-se em ideais que o sujeito ambiciona concretizar, o objecto de amor é uma parte do sujeito. Perante a perda deste amor o quadro sintomatológico que se configura é o representante da depressão. Pode iniciar-se aqui a ligação entre a temática da depressão e a imortalidade simbólica, já que o que se pretende estudar é se o facto do sujeito não se sentir amado tem influência na expectativa de vir a ser lembrado após a sua morte.

Sentido de Imortalidade Simbólica

A concepção da morte é tão variada quanto o número de vidas que se dispõem a pensá-la - no sentido da teoria da função-a Bioniana. Independentemente do que se possa conjecturar sobre o assunto, seja por influência de culturas, gostos ou angústias, uma das poucas certezas transversais e provavelmente a mais certa e incontestável é de que ela acontece. Neste sentido, surgem duas questões fulcrais que foram, provavelmente, as primeiras questões que o homem se colocou: O que nos acontece quando morremos? Como conseguimos viver sem nos aterrorizarmos face à certeza da nossa morte? O ser humano tem vindo a encarar a morte de diferentes formas, seja ignorando-a através da crença na imortalidade, rituais, religiões, etc., seja através de uma predisposição para a vida cujo pensamento prioriza a vida e não a morte. Numa aproximação ao pensamento sobre a morte, os autores Lifton e Olson (1974) desenvolveram o conceito de Imortalidade Simbólica, que embora me aparente ser redutoramente categorizador, também me parece eficaz como um ponto de partida para pensar as diferentes formas como o ser humano se tenta perpetuar. A partir da observação clínica de vítimas de situações de guerra os autores observaram que estes sujeitos, que tinham tido um contacto muito próximo com a hipótese da sua morte antecipada por contextos de guerra, manifestavam uma preocupação relativa ao facto de terem conseguido, ou não, dar um sentido à sua vida e se seriam lembrados por alguém quando morressem. O sentimento associado a

esse desejo – o sentido de imortalidade simbólica, segundo os autores referidos - manifesta a necessidade do sujeito em manter continuidade com os vários elementos da vida para além do tempo e do espaço. Este sentimento torna-se consciente quando o sujeito é capaz de viver de uma forma gratificante e enriquecedora e, conseqüentemente, sente-se capaz de encarar a sua morte. Matheus e Mister (1987) referem como exemplo de algumas manifestações da procura do sentido de imortalidade simbólica as grandes construções engenhadas pelo ser humano, grandes actos de caridade e altruísmo, o desejo de ter filhos e de alcançar sucesso profissional e ainda o desejo de ser respeitado e lembrado pelo grupo social. Segundo Lifton e Olson (op. cit) a capacidade de desenvolver um sentido de imortalidade simbólica é a forma mais autêntica de lidar com a morte. Este manifesta-se em cinco modos diferentes (os quais serão desenvolvidos posteriormente) e expressam as diferentes vivências através das quais o sujeito constrói o sentido de imortalidade simbólica. Lifton e Olson (op. cit) realçam que o Homem além de encarar a sua vida como um percurso que culminará com a sua morte acarreta uma necessidade de criar uma ligação histórica além da vida individual – desenvolver conceitos, imagens e símbolos que dêem um significado às experiências pessoais, numa relação com os que já existem ou existiram e com os que virão a existir. Segundo Alford (1992) a incapacidade de construir uma ligação entre a vida e a morte e a falta de imagens que elaborem a transcendência do próprio são os maiores problemas com que o ser humano se depara quando se enfrenta com o pensamento sobre a morte. Assim, os cinco modos de imortalidade simbólica propostos por Lifton e Olson (op. cit.) manifestam diferentes vivências através das quais os sujeitos procuram activamente dar um sentido às suas vidas, preparando-os para a morte sem que este processo se limite a apoiar-se em preceitos que lhe são atribuídas. Estes modos são reflexões simbólicas que nos protegem do isolamento (Lifton & Olson, op. cit.) e permitem-nos, segundo Matheus e Mister (op. cit), compreender o papel da morte durante a nossa existência. Assim os modos ou categorias que os autores estabelecem são o Biológico, o Criativo, o Espiritual, o Natural e o Transcendental, que serão descritos de seguida. O 'Modo Biológico', segundo Lifton e Olson (op. cit), é o mais óbvio e com maior importância universal e consiste na crença de que um indivíduo se perpetua através dos seus filhos e dos familiares sucedâneos. Através dos laços familiares e da cadeia de células reprodutivas que passam de pais para filhos a vida não terá fim. O acto de escrever um testamento para garantir a transmissão das posses aos descendentes reflecte uma preocupação relativa à auto-preservação para a posteridade. A continuidade genética, em certas culturas orientais (i.e. no Japão) é um dever a ser cumprido pelos indivíduos, pelo que a incapacidade para ter filhos é encarada como uma falta de respeito pelos familiares. Um exemplo que penso ilustrar bem esta dimensão da imortalidade simbólica manifesta-se em pequenas localidades, onde a maioria das pessoas se conhecem e é costume dos idosos aquando o encontro com um jovem que não reconhecem, ao invés de perguntarem “Quem és?”, perguntam “De quem é

que és filho?”. O “filho” invoca a memória do “pai”, não só como alguém que simplesmente existiu e procriou, mas também como alguém que fez parte de círculo social e continua a existir na memória daqueles que o conheceram. Ademais, a resposta do jovem poderá invocar não só a primeira geração anterior a ele, mas também a geração dos avós, ou até demais familiares indirectos. Para os antigos egípcios a alma era composta por sete partes, sendo uma delas o ‘Ka’, a qual seria a imagem do morto na memória dos vivos, daí que um indivíduo só morria quando a última pessoa que se lembrava dele também falecesse (Hall, 1965).

A segunda categoria, o 'Modo Criativo', manifesta-se através das obras do homem, sejam elas obras artísticas, invenções, ensinamentos, construções, ou outras influências que perdurem no tempo ou sejam transmitidas para outros indivíduos – obras que podem ser reconhecidas pela humanidade (Lifton & Olson, op. cit.) Por exemplo, em profissões associadas a ciências ou arte, os recursos históricos e patrimoniais são influenciados pelos trabalhos de cada um. Na medicina ou na educação há o sentimento de influência directa nos pacientes, estudantes, etc., os quais irão passar a experiência a outros sujeitos. Berman (1995, citado em Neves, 1996) diz-nos que os esforços para transcender a morte através de actos heróicos podem ser vistos como formas simbólicas de derrotar a morte, e do self sobreviver para a posteridade.

Uma terceira categoria conceptualizada pelos autores, o 'Modo Espiritual', traduz o desejo de conquistar a imortalidade através de práticas religiosas e espirituais. Lifton (1979) critica este aspecto no que diz respeito à facilidade com que se perde a dimensão simbólica e se acredita numa imortalidade real - as imagens do paraíso, inferno, purgatório e o conceito de imortalidade da alma (uma parte do corpo que escapa à morte), muitas vezes são encaradas como observações científicas. Parece-me um pouco contraditória a denominação escolhida pelos dos autores, mesmo que criticada pelos mesmos quando esta é encarada como uma imortalidade fenomenológica, uma vez que a concepção de morte associada às religiões é baseada numa perpetuação do ser além vida. Como a própria etimologia da palavra explica, a palavra deriva do latim 'religio', que significa re-ligação, a ponte entre a vida e a morte. De qualquer das formas, o modo espiritual consiste, então, num renascimento espiritual, o que pode ser interpretado como uma morte para uma vida mundana e o renascimento para uma mais plena e digna. Seja através da oração, devoção, contemplação ou meditação, todas as religiões ensinaram métodos de lidar com o tempo e a morte (Lifton & Olson, op. cit.). Através da sua relação com os ensinamentos espirituais, o ser humano passa por vários renascimentos espirituais que lhe proporcionam novas visões sobre como dar um sentido à sua vida. Esta perspectiva fará sentido apenas para sujeitos que se relacionam com os ensinamentos sagrados tendo em conta as suas vidas terrenas; caso se deixem guiar pelos dogmas de uma forma alienada,

então o conceito de imortalidade perde a sua valência simbólica, uma vez que procuram a vida além da morte fenomenologicamente.

“Porque tu és pó e em pó te tornarás” é um verso do Antigo Testamento que recorda o quão frágil o ser humano é, enquanto o planeta se tem mantido ao longo dos tempos. Independentemente do que acontecer ao homem, as árvores, as montanhas, os mares e os rios irão perdurar (Lifton e Olson, op. cit) - pelo menos enquanto um conceito que contrasta a dimensão da Natureza com a individualidade de um ser humano. O 'Modo Natural', de imortalidade simbólica, é alcançado através do contacto com a natureza, pelo sentimento de que fazemos parte do universo e que este nos transcende. Para Matheus e Mister (op. cit.) este modo enfatiza a relação do Homem com os outros seres, com os aspectos vivos e não vivos da natureza. Em parte, é este sentimento que move a procura do contacto com a natureza para – retiros na natureza, acampamentos, passeios ao ar livre, etc. A natureza, na cultura japonesa, é vista como um encorpamento dos deuses – as montanhas, a chuva, o vento, o campo, etc., sendo os Jardins Zen são uma expressão desta herança cultural. Actualmente a imagem de superar as barreiras da natureza ainda perdura nas viagens à lua e nas aspirações de ir além. A crescente preocupação em proteger o meio ambiente transparece uma crescente preocupação com o meio ambiente e com a preservação do habitat natural. Esta preocupação surge de um perigo real para a destruição da natureza, o qual tem sido cada vez mais real devido às guerras e catástrofes que se têm deflagrado. Aquando o atentado de Hiroxima, um dos grandes medos que se constituiu entre os autóctones foi relativo à possibilidade das árvores, flores e relva nunca mais voltarem a crescer na cidade (Lifton, op. cit), e é curioso como a explosão desta bomba atómica ameaçou inclusivamente o imaginário do ser Humano. Poderemos pensar nesta perspectiva da relação do ser Humano com a natureza tendo em conta o facto que quando morremos somos “entregues” à Natureza. São muitos os cemitérios que estão envoltos em árvores e jardins, pelo que a natureza é a nossa última “casa” e é onde fica uma laje pedra, também ela resistente ao tempo, a identificar os indivíduos. Também o facto de, em certos locais, os sujeitos poderem comprar previamente o local do cemitério que mais lhes agrada revela algum desejo de escolher uma imagem que marque os seus jazigos, os quais permanecerão na memória dos vivos.

O 'Modo Transcendental' consiste no sentimento de inspiração ou êxtase, com a sensação do tempo estar a desaparecer e de transcender os limites da vida diária habitual. A experiência espiritual é equivalente à reorientação espiritual do renascimento espiritual, contudo pode ser vivida através da música, dança, desporto, contemplação do passado, prazer sexual, camaradagem e pelo sentimento de colaboração com outros numa causa em comum (Lifton & Olson, op. cit.). Os autores referidos referem que aparentemente existe uma necessidade universal para a perda da noção do tempo. Independentemente da forma como é alcançado, ele envolve um apurar dos sentidos intenso,

iluminação e insight, o que até pode ter alguma conotação sexual. Após esta experiência surge o sentimento de “uma nova vida”, o qual é mais valorizado do que a própria experiência. Estas experiências resultam numa reordenação dos símbolos e imagem que gratificam o sujeito e consequentemente dão uma nova vitalidade para a vida, um novo sentimento de compromisso para novos projectos, maior integridade física e a comportamentos com maior consciência moral. Ao longo do tempo o homem tem utilizado drogas em combinação com a música para atingir estes estados, contudo o ponto de maior gratificação prende-se com partilha da experiência com uma determinada pessoa e com as expectativas que a experiência traz, o que sugere que não é a droga em si que oferece um renascimento espiritual, mas sim o sentimento de existência no outro através da partilha. Fromm (2000) defende que o ser humano elabora rituais que pratica em grupo, aos quais chama de estados orgiásticos, através dos quais o ser humano experiencia uma fusão com o grupo. Estes rituais, que podem assumir a forma de transe, muitas vezes são atingidos através de drogas, álcool ou pelo orgasmo sexual e permitem que o ser humano experiencie uma fusão com um grupo ou pessoa com quem partilha a experiência. Esta teorização aproxima-se muito da concepção do modo experiencial de imortalidade simbólica. A transcendência é considerada um modo de imortalidade simbólica pelo facto de quando os sujeitos vivenciam estes momentos a sua percepção de morte ameaça de extinção são minimizadas – o sujeito sente-se num presente contínuo, no qual o passado e o futuro são contidos. Os cinco modos de imortalidade simbólica permitem minimizar essas angústias, associadas à morte. Ao conquistar uma relação significativa com o que estes modos representam, o sujeito adquire formas de continuidade e a ansiedade face à morte sente-se de uma forma tolerável. Para Lifton e Olson, a necessidade de dominar estas ansiedades é uma necessidade do ser humano, e os cinco modos de imortalidade simbólica permitemnos isso mesmo. Os autores conceptualizam que é possível pensar a vida humana como um movimento entre dois polos, um deles sendo o imaginário da morte literal e da imortalidade simbólica, os quais estão presentes em equilíbrio. O imaginário de uma imortalidade torna a certeza da morte menos inquietante, de certa forma permite afirmar a continuidade sem negar a morte. Note-se que o facto de ser recordado com amor, que é a questão central do sentido de imortalidade simbólica, é diferente do facto de ser recordado com afectos negativos, os quais não se referem a este conceito.

Depressão e o Sentido de Imortalidade Simbólica

Bibring (1953) refere que o ser humano deseja ser valorizado, amado, apreciado, ser forte e seguro e ainda deseja ser bom, amável. Neste sentido, na depressão, quando existem tensões entre estas

pretensões e a impossibilidade de as realizar, surge a depressão, a qual incapacita a pessoa de se relacionar, de ser proactiva, de se sentir apaixonada pelo mundo, de amar...

Assim, é possível perceber-se que na base da depressão está a incapacidade para o sujeito se sentir amado, sentir-se próximo e unido emocionalmente com as pessoas que ama. Ademais,

o sujeito, por introjecção do superego, também se poderá deprimir quando não atinge os objectivos que traçou a si próprio (e.g. conseguir amealhar algum dinheiro para uma viagem, sentir-se competente no seu emprego, etc.), ou seja, não é amado pelo seu próprio superego.

Algumas das formas utilizadas para alcançar o estado de união referidas por Fromm, no seu livro 'A Arte de Amar (2000)', aproximam-se bastante dos modos de imortalidade simbólica descritos por Lifton e Olson (1974), sendo elas a prática de rituais praticados em comum, experiências sexuais, actividades criativas e a vivência de estados orgiásticos (formas de transe e exaltação em que o sujeito sente que o mundo exterior desaparece e, com ele, a sensação de separação em relação a ele). Fromm (op. cit.) considera estas vivências como formas transitórias do sujeito reduzir o sentimento de separação com o seu mundo externo. Segundo o mesmo, a forma mais genuína de viver um estado de união é através do amor. Amar é uma arte que só se aprende com a prática, como qualquer outra arte (Fromm, op. cit.). O autor acrescenta que o homem de todas as culturas depara-se com a questão de como superar o estado de separação e como alcançar a união, como transcender a sua vida individual e encontrar relações de amor maduro. Assim, a construção de um sentimento de imortalidade simbólica está cimentada na capacidade do sujeito viver, de se relacionar, de tirar prazer das relações e não simplesmente sobreviver – explorar o mundo, criar e deixar uma marca que perdure na memória - a qual pode ser relativa a algumas pessoas em particular (amigos, filhos, etc.) ou pode ser uma memória colectiva (e.g. desejo de ser lembrado na comunidade científica como um grande investigador). A morte simbólica, de um sujeito para o outro, pode ser vista através de um movimento em que o sujeito se sente rejeitado emocionalmente por alguém. Tome-se por exemplo a expressão “Morreste para mim”, em que alguém dirige a outrem. Neste caso, o receptor da mensagem não se sentirá amado pelo outro, sentirá que o amor que unia os dois morreu. Numa relação de amor ambos os sujeitos se identificam um com o outro em diversos aspectos. Quando esta relação de amor se rompe, ocorre um processo (que poderá ser apenas num sujeito, ou em ambos) ao qual Outeiral (2004) chama de desidentificação – o processo oposto à identificação. O sujeito perde um aspecto do seu ideal do ego posto em alguém admirado, ou numa ideologia, num agrupamento humano, enfim, num ideal qualquer. Winnicott (1969, citado em Outeiral, 2004) refere, neste sentido, que o sujeito ao se desidentificar de um objecto “destrói-o”. Portanto, na depressão, um sujeito deprimido poderá sentir que morreu para o outro enquanto

alguém amado e o sujeito não será capaz de elaborar um sentido de imortalidade simbólica, um sentimento que traduzisse a sua ligação emocional a objectos de amor. Esta ordem de ideias sugere uma relação entre a depressão e o sentimento de imortalidade simbólica, o que levou à procura empírica de uma relação entre ambos.

Método

Hipótese

Os valores da IDB-II – variável depressão - e a cada uma das dimensões da escala do Sentido de Imortalidade Simbólica – variável Sentido de Imortalidade Simbólica - correlacionam-se negativamente.

Participantes

A amostra é composta por estudantes do Instituto Superior de Psicologia Aplicada, 50 do primeiro ano curricular e 55 do quarto ano curricular, dos quais 43 eram do sexo masculino e 62 do sexo feminino, totalizando 105 sujeitos.

A faixa etária variava entre os 18 e os 60 anos, com 74 alunos com menos de 25 anos.

Material

Para a recolha dos dados foram utilizadas a ‘Escala do Sentido de Imortalidade Simbólica’ (ESIS), para a variável ‘Sentido de Imortalidade Simbólica’, e o ‘Inventário de Depressão de Beck II’ (IDB-II), para a variável ‘Depressão’.

Análise dos Resultados

Pode verificar-se que a IDB-II tem correlações significativas com todas as dimensões de ESIS dado que os valores de Sig. são todos inferiores a 0,05. As suas magnitudes variam entre $r = -0.316$, a mais fraca, e $r = 0.566$ a mais forte. Daqui se retira:

- 1) Correlação significativa ($p < 0.001$) de valor $r = 0.556$ entre a IDB-II e a dimensão biológico da ESIS, o que significa que temos uma correlação positiva de intensidade de nível quase forte. Ou

seja, 55.6% da variação na IDBII é explicada pela variação da dimensão Modo Biológico - quanto maior a pontuação obtida na IDB-II maior é a pontuação obtida na dimensão biológico e vice-versa.

2) Correlação significativa ($p < 0.001$) de valor $r = -0.403$ entre a IDB-II e a dimensão Modo Criativo da ESIS, ou seja, estamos perante uma correlação negativa de intensidade razoável. Temos então que 40.3% da variação da IDB-II é explicada pela variação da Modo Criativo, ou seja, quanto maior a pontuação na IDB-II menor é a pontuação do Modo Criativo e vice-versa.

3) Correlação significativa ($p = 0.001$) de valor $r = -0.316$ entre a IDB-II e o Modo Espiritual. Estamos perante uma correlação negativa de intensidade razoável, o que significa que 31.6% da variação da IDB-II é explicada pelo variação da pontuação no Modo Espiritual, ou seja, quanto maior a pontuação na IDB-II menor é a pontuação no Modo Espiritual, ou vice-versa.

4) Correlação significativa ($p < 0.001$) de valor $r = 0.566$ entre a IDB-II e a dimensão Modo Transcendental. Estamos perante uma correlação positiva de intensidade quase forte, o que significa que 56.6% da variação da pontuação na IDB-II é explicada pelo variação da pontuação no Modo Transcendental, ou seja, quanto maior a pontuação da IDB-II, maior é a pontuação do Modo Transcendental e vice-versa.

5) Correlação significativa ($p < 0.001$) de valor $r = -0.431$ entre a IDB-II a dimensão Modo Natural. Isto quer dizer que estamos perante uma correlação negativa de intensidade razoável -43.1% da variação da pontuação na IDB-II é explicada pelo variação da pontuação do Modo Natural, ou seja, quanto maior a pontuação da IDB-II menor é a pontuação do Modo Natural, ou vice-versa.

Discussão dos Resultados

A hipótese levantada – “A pontuação obtida nos diferentes modos de imortalidade simbólica da ESIS relaciona-se negativamente com as pontuações obtidas no IDB-II” -, é confirmada apenas em alguns dos modos de imortalidade simbólica. Confirmou-se que há uma correlação negativa entre o IDB-II e os modos de imortalidade simbólica ‘criativo’, ‘espiritual’, ‘natural’. Nestes casos, quanto maior a pontuação na IDB-II menor será a pontuação nos modos referidos, e vice-versa. Nos demais, os resultados revelam uma correlação positiva entre duas as escalas, ou seja, a variação das pontuações é no mesmo sentido em ambas.

Segundo Bleichmar (op. cit.) no estado depressivo o sujeito desiste dos seus desejos, o que para o autor é o caminho para a morte - o sujeito está incapacitado de criar. A inibição característica da

depressão revela uma fixação a um desejo que não se realiza, pelo que há a impossibilidade de investimento noutros conteúdos e de elaboração dos mesmos. Assim, faz todo o sentido que o modo criativo de imortalidade simbólica e o grau de depressão se relacionem negativamente. Para pensarmos sobre este ponto de vista que encara a questão da depressão como um processo de criação e não de ruminação, tenhamos de ter em conta as profissões ligadas às artes (pintor, escritor, escultor, músico, etc.). Que características terá o sentido de imortalidade simbólica de um sujeito caso ele se dedique ao seu trabalho por prazer ou por uma necessidade que não compreenda? Haverá o artista que está num constante processo de criação artística, mas vive assolado por uma angústia e inquietação constantes, e também haverá o artista que se sentirá realizado ao completar uma das suas obras. Lembremo-nos de Pablo Picasso que pintou com paixão até ao dia da sua morte e sempre foi um inovador nesta arte. Certamente que a sua forma de viver a sua criatividade era bastante diferente da forma como Aldous Huxley o fazia, pois este suicidou-se quando sentiu que já não conseguia escrever mais. Independentemente das motivações de cada um para o processo criativo, o que é certo é que grandes obras foram e continuam a ser feitas nas mais diversas áreas.

Em relação à influência desta variável com o Modo Espiritual de Imortalidade Simbólica, é relativamente comum associar-se a religiosidade a um suporte emocional em que os sujeitos se amparam. Freud (1910, citado em Palmer, 2001), numa carta enviada a Jung, refere que considera a religião como uma ilusão criada pelo homem como uma espécie de prolongamento da infância que suportava uma necessidade inconsciente de não abandonar a dependência paterna. Passada a infância, o sujeito não conseguiria conceptualizar uma vida sem pais, daí a criação de um Deus protector. Murphy (2000) num estudo que pretendia avaliar a relação entre a depressão e a religiosidade colheu resultados contrastantes, obteve respostas de indivíduos deprimidos que se sentiam castigados por Deus ou que o diabo estava a tomar o controlo da sua vida e, por outro lado, obteve respostas de sujeitos que encontravam alguma contenção emocional na religião. Segundo o autor, seria o carácter dos sujeitos e a qualidade das suas crenças que influenciaria o tipo de resposta. Embora Murphy (2000) não se estenda na explicação do carácter a que se refere podemos encontrar outros autores que abordam o tema. Pfister (mencionado em Brito, 2002), um pastor luterano defensor da psicanálise e amigo de Freud, defendia que a religião servia de consolo às pessoas que não tinham mais nenhuma forma de suporte, contudo Freud discordava, afirmando que embora as religiões desempenhassem um papel de regulador de instintos sociais, estas também eram modificadas de acordo com as necessidades morais dos sujeitos e seria mais válido uma substituição da consciência religiosa por uma compreensão racional. Freud (citado em Brito, op. cit.) também era contra a dependência do consolo obtido da religião, o que apenas servia como forma de retirar o crescimento e a maturidade dos indivíduos, pelo que faria mais sentido o sujeito

acreditar nas capacidades próprias ao invés de se suportar numa religião. Seguindo o pensamento de Freud, uma vez que na depressão o sujeito sente ter perdido o amor de um objecto primário, neste caso representado por Deus, é plausível que se tenha obtido uma relação negativa entre os resultados da IDB-II e o modo espiritual de imortalidade simbólica. Independentemente das crenças religiosas de cada um, penso ser relativamente consciente na mente dos indivíduos espirituais que as suas crenças lhe oferecem um suporte emocional, um colo espiritual. Não seria estranho se estes resultados fossem no sentido oposto e o Modo Espiritual de Imortalidade Simbólica se correlacionasse positivamente com a pontuação obtida na IDB-II, uma vez que a instituição religiosa e os Deuses poderiam funcionar como uma projecção de uma entidade contentora idealizada – o Deus que perdoa e compreende os pecados, por exemplo. Assim, quanto maior fosse o “grau” de depressão, maior seria a dedicação à religião. Em diversos documentários relativos a devotos espirituais (monges, freiras, etc.), alguns dos entrevistados revelaram que a motivação para a sua beatitude teria surgido após grandes desilusões amorosas, ou nas suas relações com os seus ideais (e.g. uma sociedade ideal). Neste caso as instituições religiosas aparentam cumprir um papel de contentor das emoções dos sujeitos.

Em relação ao modo natural de imortalidade simbólica, recordando sumariamente o seu significado segundo Lifton (1974), este refere-se à relação do ser humano com a natureza. Diz-nos Fromm (op. cit) que o desenvolvimento da espécie humana é caracterizado como “a emergência do homem da natureza, da mãe, dos vínculos de terra e de sangue” (Fromm, op. cit., p. 80). Embora o ser humano seja expulso dessa unidade original com a natureza, ele tenta manter esses vínculos primitivos – “a terra mãe”. O mesmo autor afirma que o Homem se identifica com o mundo de animais e árvores, onde tenta encontrar unidade permanecendo uno com o mundo natural. Seguindo a mesma linha de pensamento sobre a depressão, quando o ser humano se sente desamparado e afastado emocionalmente da sua “mãe natureza”, este sentimento depressivo traduzir-se-á numa desestruturação do modo natural do sentido de imortalidade simbólica.

Ao contrário dos resultados até agora obtidos, em que se confirmava a Hipótese, no caso dos modos ‘biológico’ e ‘experiencial’ de imortalidade simbólica há uma correlação positiva com as pontuações da IDB-II, ou seja, quanto maior a pontuação obtida nestes dois modos de imortalidade simbólica maior é a pontuação obtida na IDB-II, e quanto menor a pontuação obtida nestes dois modos de imortalidade simbólica menor é a pontuação obtida na IDB-II.

Em relação aos resultados relativos ao modo biológico, tendo em conta o suporte teórico de Lifton e Olson (op. cit), teria feito mais sentido caso confirmassem a Hipótese, uma vez que segundo os autores o modo biológico de imortalidade simbólica reflecte uma vivência de continuidade do

sujeito através das relações afectivas criadas com familiares, amigos, etc. Assim, seguindo esta lógica de pensamento, não faz muito sentido que um sujeito que consiga manter relações afectivas de amor esteja deprimido. Contudo, esta relação positiva entre estas duas variáveis pode traduzir a dependência afectiva do sujeito em relação a um objecto relacional – ele precisa do amor do outro (Coimbra de Matos, 2001) –, surgindo daí a relação positiva entre os resultados do IDB-II e o modo biológico de imortalidade simbólica. Também a tentativa de reparação da relação amorosa que ocorre na depressão (Klein, op.cit.) poderá estar associada a esta correlação positiva, uma vez que implica investimento emocional na relação objectal. Conjuntamente, uma vez que é um modo biossocial, a relação positiva entre ambas as variáveis pode traduzir uma tentativa do sujeito em procurar amor numa relação diferente da qual em que sentiu que deixou de ser amado. De qualquer das formas, estes resultados não são conclusivos, uma vez que a amostra em análise não representa de forma alguma um universo de sujeitos deprimidos. Recordemo-nos que os resultados indicam que esta amostra obteve no IDB-II uma pontuação média de 7,8667 valores, sendo que a pontuação máxima que é possível nesta escala é de 63 pontos.

Em relação ao modo experiencial lembremo-nos que, segundo Lifton e Olson (1974), este consiste numa reorientação espiritual que culmina numa reorientação do sentido da vida, no sentimento de êxtase e de perda de ligação com os elementos banais do dia-a-dia. Segundo os autores, esta experiência de reorientação espiritual pode ser vivida através da música, desporto, sexo, etc., e pode ser estimulada através do uso de drogas. É relativamente obvio que ter a capacidade de atingir uma reorientação espiritual através de actividades lúdicas é diferente do que fazê-lo através do consumo de drogas ou dedicação a cultos e seitas, por exemplo. Nesta diferença poderá estar uma possível explicação para este resultado. Quando se atinge um sentimento de êxtase através de actividades vividas com prazer e satisfação os sujeitos não estarão, por assim dizer, deprimidos. O consumo de drogas também poderá dar ao sujeito uma sensação de êxtase, contudo essa sensação logo se desvanece, ao contrário da sensação obtida por recursos internos do sujeito. Assim, a relação positiva entre ambas as variáveis poderá dever-se ao facto de, na amostra estudada, grande parte dos sujeitos atingirem sensações de êxtase através de meios externos ao sujeito e que não sejam, em última instância, proporcionadores de um prazer autêntico.

De uma forma geral, os resultados referentes à Hipótese revelam, de certa forma, a ambivalência e os conflitos do mundo interno do sujeito depressivo, um comportamento de relativa incapacidade e a contínua tentativa de realizar os seus desejos de amor, os quais não se consegue elaborar.

Embora estes resultados sejam sugestivos, não são de forma alguma conclusivos, uma vez que os materiais psicométricos não captam a riqueza e a dinâmica dos sujeitos. Contudo podem ajudar a

pensar a relação entre o sujeito e o(s) seu(s) objecto(s) de amor, uma vez que a imortalidade simbólica reflecte a forma como o sujeito se sente, percepção no mundo interno do outro – vivo (ou simbolicamente imortal) ou morto.

Considerações Finais

Embora este estudo não pretenda ser conclusivo, os resultados obtidos são sugestivos no sentido de perceber a influência de determinadas vivências no mundo interno dos sujeitos, e os reflexos que a necessidade de sentir que tem alguma influência no mundo externo têm caso seja, ou não, sentida como realizada. Apesar da categorização que os autores Lifton e Olson me parecer forçada em alguns aspectos penso que são um ponto de vista fomentador de uma abordagem à significação que o ser humano atribui à sua existência através das suas experiências de vida e antevisão da sua própria morte.

Ficam lançadas reflexões que poderão ajudar a pensar os sujeitos que surgem em clínica e os seus diversos pedidos de ajuda perante as doenças afectivas.

Referências Bibliográficas

Alford, C. F. (1992). Greek Tragedy and the Place of Death in Life: A psychoanalytic Perspective. *Psychoanalysis And Contemporary Thought* , 15 (2), pp. 129-159.

Bibring, E. (1953). *The Mechanism of depression*. New York: P. Greenacre.

Bleichmar, H. (1989). *Depressão - Um Estudo Psicanalítico* (3ª ed.). Porto Alegre, Brasil: Artes Médicas.

Brito, M. (Agosto-Dezembro de 2002). Freud e a Religião. *Científico* , 1.

Coimbra de Matos, A. C. (2001). *A depressão*. Lisboa: Climepsi Editores.

Freud, S. (1917 [1915]). Luto e Melancolia. In *A História do Movimento Psicanalítico, Artigos Sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos* (Vol. XIV, pp. 245-270). Rio de Janeiro: Imago Editora.

- Freud, S. (1926 [1925]). Inibições, Sintomas e Ansiedade. In Um Estudo Autobiográfico, Inibições, Sintomas e Ansiedade, A Questão da Análise (pp. 81-174). Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Fromm, E. (2000). A arte de amar. São Paulo: Martins Fontes.
- Hall, M. P. (1965). The Soul in Egyptian Metaphysics and The Book of the Dead. Los Angeles: The philosophical Research Society, Inc.
- Klein, M. (1937). Amor, Culpa e Reparação. Rio de Janeiro: Imago Ed.
- Lacan, J. (1989). Subversión del sujeto y dialéctica del deseo en el inconsciente freudiano. In v. 1.-M. Escritos. México: Siglo Veintiuno Editores.
- Lifton, R. J., & Olson, E. (1974). Living and Dying. New York: Praeger Publishers, Inc.
- Mártir, J. (1995). Diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus.
- Lifton, R. J. (1979). The Broken Connection: on Death and the Continuity of Life. New York: Simon & Schuster.
- Lifton, R. J. (1969). Revolutionary Immortality. Middlesex: Penguin Book.
- Matheus, R. C., & Mister, R. D. (1987-88). Measuring an individual's investment in the future: Symbolic sensation seeking, and psychic numbness. *Omega* , 18(3), 161-173.
- Murphy, P. C. (Dezembro de 2000). The Relation of Religious Belief and Practices, Depression, and Hopelessness in Persons With Clinical Depression. *Journal of Consulting and Clinical Psychology* , 68 (6), pp. 1102-1106.
- Neves, S. M. (1996). O Sentimento de Imortalidade Simbólica e a Ansiedade Perante a Morte Entre Gerações. Lisboa: Ispa.
- Outeiral, J. (2004). Desidentificação. Obtido em 17 de Julho de 2008, de José Outeiral -Seminários Winnicott: [http:// www.joseouteiral.com/artigos.html](http://www.joseouteiral.com/artigos.html)
- Palmer, M. (2001). Freud e Jung. São Paulo: Edições Loyola.